



O suplemento de Mauro Mota e a intelectualidade pernambucana: uma história da literatura nos anos 1950

TÉRCIO DE LIMA AMARAL¹

Introdução

A participação de cronistas, escritores e poetas como produtores de conteúdo foi uma das características da imprensa brasileira desde sua fundação até meados dos anos 1970. No século 19, a participação desses literatos acontecia por meio da divulgação de seus livros em jornais impressos, publicados semanalmente em capítulos, como folhetins, revelando nomes do Romantismo como José de Alencar, e, posteriormente, do Realismo, com Machado de Assis. No século 20, essa parceria continua, mas também acompanha a modernização dos jornais impressos, que começam a ser profissionalizados no país na década de 1920, sendo o mesmo período em que a imprensa recifense publica suas primeiras páginas especiais de literatura e dedicadas ao jornalismo cultural em formação. Este trabalho tem por objetivo analisar o auge da relação entre literatos e empresas de comunicação em Pernambuco, com a criação do suplemento literário do *Diário de Pernambuco*, editado pelo jornalista e poeta imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) Mauro Mota (1911-1984), publicado entre os anos de 1947 e 1959 nas edições de domingo do jornal do grupo *Diários Associados*.

Inicialmente denominado como *Suplemento Quatro Páginas*, o primeiro exemplar foi publicado em 17 de agosto de 1947. O nome era uma analogia a quantidade de páginas publicadas. Em pouco tempo, o caderno passou a contar com oito, depois dez, e logo em seguida doze páginas. O suplemento era aberto com literatura, mas também dava espaço para críticas de moda, cinema e teatro. Diversos intelectuais nordestinos estiveram como colaboradores, alguns deles sendo lançados pelas páginas do jornal pernambucano, a exemplo do escritor baiano José Carlos Teixeira Gomes e do cineasta Glauber Rocha. Do Maranhão, o poeta Ferreira Gullar e o ex-presidente da República José Sarney, que ainda não tinha iniciado sua carreira política, contribuíam com críticas e poesias diretamente do jornal *O Imparcial*, que, assim como o *Diário de Pernambuco*, fazia parte

¹ É Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na linha de pesquisa “Cultura e Memória”. Possui Mestrado em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), onde é pesquisador Núcleo de Pesquisas e Estudos em Gênero (NUPEGE).



da rede de jornais *Diários Associados*, do empresário e jornalista Assis Chateaubriand. José Sarney era dirigente do suplemento literário do jornal maranhense (DUARTE, 2001). Sobre essa rede de colaboradores, é importante mencionar que, os artigos produzidos pela mesma rede recebiam, abaixo da assinatura do autor, a seguinte identificação: “Para os D.A.”. Já os produzidos localmente, ou enviados com exclusividade ao *Diário*, eram identificados como “Para o D. P.”.

Na história da imprensa brasileira, o suplemento do *Diário de Pernambuco* ocupa um espaço de destaque, quando não, de pioneirismo nacional. Basta citar que, nos anos 1950, a maioria dos grandes jornais do país iniciam a publicação de seus suplementos literários. O *Diário*, assim como outros veículos dos *Diários Associados*, consolida esse tipo de produção na década de 1940, ou seja, dez anos antes de seus concorrentes. Em parte, estudos concluídos associam o desejo do fundador dos *Associados*, Assis Chateaubriand, em ganhar espaço com a elite letrada do país (NEVES, 2005). A tese é que, como já possuía os poderes políticos e econômico suficientes (ou em níveis desejáveis), o empresário de origem paraibana, formado na Faculdade de Direito do Recife, queria ampliar sua influência entre os intelectuais. A figura de Chateaubriand, no entanto, é um caso à parte e alvo de diversos estudos, seja no campo da história, do jornalismo ou da sociologia. Chatô, como também era conhecido, nasceu na cidade de Umbuzeiro, na Paraíba, mas sua família era de origem pernambucana, tendo passado a infância no bairro de Apipucos, na Zona Norte da capital. Antes de ser um dos magnatas da mídia brasileira e incorporar o *Diário de Pernambuco* aos *Diários Associados*, em 1931, Chateaubriand trabalhou no *Diário* como repórter nas décadas de 1910 e 1920, durante a gestão da família do Conselheiro Rosa e Silva, para quem chegou a lutar armado, dentro da redação, após disputas eleitorais (MORAIS, 1994).

Em Pernambuco, o suplemento contou com colaboradores que já gozavam de certo reconhecimento entre a elite letrada, como o poeta Manuel Bandeira – que também assinava ilustrações na página de literatura –, os escritores Aderbal Jurema, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rêgo e o sociólogo Gilberto Freyre. Outros nomes, como o poeta Álvaro Lins, Carlos Pena Filho, tiveram seus nomes lançados nas páginas do jornal pernambucano. Aliás, é bom mencionar que essa rede de colaboradores no estado também tinha suas origens familiares. Álvaro Lins e João Cabral de Melo, que também foram imortais da Academia Brasileira de Letras, eleitos em 1968 e 1955, respectivamente; eram primos do editor do suplemento, Mauro Mota, que por sinal entrou para a ABL em 1970. João Cabral também era primo do historiador Evaldo Cabral de Mello, de Manuel Bandeira e de Gilberto Freyre, este último com presença marcante no *Diário de*



Pernambuco desde a década de 1920, quando foi dirigente da empresa ainda na gestão da família Lyra (FREYRE, 2006). Esses laços familiares, no entanto, não prejudicou a colaboração de poetas do interior do estado, que buscavam projeção no jornal da capital, a exemplo do poeta e escritor de Caruaru José Condé. Todos esses nomes foram figuras chave no cenário cultural da região Nordeste e do país nas décadas de 1940 e 1950.

Além dos favorecimentos ocasionados pelo parentesco, a historiadora Alzira Alves de Abreu defende que os suplementos literários formaram redes de sociabilidades para muitos literatos brasileiros na década de 1950, e juntamente com os cafés, salões, as revistas literárias e as editoras, permitiram a estruturação do campo intelectual no país. Eram nesses locais que se encontravam grupos de amigos, muitos de uma mesma região, manifestando opiniões, divergências e até antagonismos. “Aí se cruzaram várias gerações, nascidas entre 1880 e 1930. A maioria dos jornais abrigou tanto os intelectuais da geração nascida no final do século passado como das décadas de 10, 20 e 30” (ABREU, 1996:23). No Recife, o grupo que orbitava em torno do poeta e editor Mauro Mota tinha entre alguns dos pontos de encontros, fora a própria redação do jornal, o tradicional *Bar Savoy*, na Av. Guararapes, o *Café Lafayette* e o *Restaurante Dom Pedro*, ambos na Rua do Imperador d. Pedro II. Todos esses endereços ficavam no centro da capital pernambucana. “Os jovens poetas da Rua do Imperador e do Bar Savoy – herdeiros por assim dizer da tradição de Carlos Pena Filho – encontraram nele o amigo, o mestre, timoneiro” (PEREIRA, 1987:31). No mesmo período, outros suplementos existiam na cidade do Recife, como o do *Jornal do Commercio*, dirigido por Aderbal Jurema, e o da *Folha da Manhã*, editado por Nilo Pereira, todos alimentados com colaborações de outros estados. No entanto, por estar vinculado à uma cadeia nacional de jornais, os *Diários Associados*, o do *Diário de Pernambuco* teve maior prestígio e repercussão nacional.

Os intelectuais que estavam orbitando em torno do suplemento de Mauro Mota tinham dois objetivos: a conquista de espaço entre os próprios poetas e escritores, que estavam presentes e reconheciam o suplemento como plataforma da intelectualidade, e a possibilidade de novos trabalhos com a abertura e a divulgação da produção literária no jornal. O próprio Mauro Mota fornece pistas sobre essa rede em seu único romance produzido, *O Pátio Vermelho*, publicado inicialmente pela Editora Orfeu, do Rio de Janeiro, em 1968. O jornalista Nilo Pereira, que produziu uma biografia sobre Mauro Mota, define o livro como uma “crônica romanceada”. Posição contrária do escritor Gilvan Lemos, que defende que se trata de um romance (PEREIRA,



1987:126). O livro é ambientado no Recife dos anos 1940 e 1950, em uma pensão para estudantes no centro da cidade. Os universitários que estavam hospedados na Rua do Sebo, próximo ao jornal *Correio do Recife*, que na verdade seria o próprio *Diário de Pernambuco*, possuíam atividades complementares aos estudos, como o ensino no Liceu, aulas particulares na própria pensão, ou o exercício do jornalismo. O romance de Mauro Mota conta o cotidiano de dois universitários do curso da Faculdade de Direito do Recife que colaboravam com o jornal pernambucano. Um como repórter. Outro como colaborador do suplemento literário.

Os dois, em virtude das atividades na imprensa, ganharam prestígios diferentes com a dona da pensão, que chegava a tolerar o atraso de pagamento dos profissionais da imprensa, e com a sociedade letrada recifense. Enquanto o repórter José Luís Monteiro de Albuquerque teve acesso ao centro do poder, como governadores e políticos, o estudante José Ramalho Júnior, que publicava suas crônicas no jornal, conquistou a possibilidade de circular nos salões letrados da cidade, como o da casa de Marina Simões, na Capunga. Marina seria a feminista Martha de Holanda. Além disso, José Ramalho, que antes era tratado pelo apelido de Zanolho, ganhou o *status* de escritor. “O conto e o retrato no jornal trazem importância a Zanolho na Pensão e no bairro. Anda devagar pela Rua do Sebo, no desfile de sua glória”, diz Mauro no romance. “Verdade ou delírio de estrepante, acha que os vizinhos, principalmente as vizinhas, cumprimentam amáveis, ficam na janela para vê-lo passar” (MOTA, 1968:33). No romance, também é possível identificar relações de vínculo empregatícios distintas com o jornal. Enquanto o repórter recebe por seus trabalhos, o colaborador do suplemento, não. O repórter José Luís Monteiro chega a indagar a José Ramalho por que ele não teria pedido ao chefe da redação do *Correio*, Felipe Gama, para ser efetivado como repórter e garantir uma renda extra. Felipe Gama seria o chefe de redação do *Diário de Pernambuco*, Aníbal Fernandes, um dos jornalistas mais influentes da imprensa da época.

O suplemento do *Diário de Pernambuco* também é uma referência no quesito padrões gráficos, ou no jargão do jornalismo atual, de “paginação”. Sob a edição de Mauro Mota, o suplemento foi visualmente enriquecido, “antecipando uma programação gráfica que anos depois seria recebida na imprensa pernambucana como avançada” (JODEVAL, 2001:61). O caderno literário do jornal era repleto de vinhetas (artes específicas para separar sessões) e contava com a colaboração de artistas plásticos, que tinham a oportunidade de divulgar seus trabalhos na imprensa. Muitos dos desenhos forneciam beleza plástica às poesias e artigos. Em seus doze anos de atividade, a página especial de literatura abriu espaço para o lançamento de pintores e ilustradores



da imprensa recifense, alguns deles, transformando-se em referências no início da segunda metade do século 20, a exemplo de Ladjane Bandeira. A artista plástica chegou a fundar e editar, entre os anos de 1952 e 1962, uma página voltada às artes plásticas no suplemento cultural do jornal *Diário da Noite*, de propriedade do *Jornal do Commercio* do Recife, onde também assumiu o posto de ilustradora (LYRA, 2007:35).

Artistas como Percy Lau, Petrônio Santos, Joaquim Cardoso, Luiz Jardim e Vicente Monteiro estão entre os colaboradores mais frequentes. Luiz Jardim, inclusive, era escalado, pela leveza do traço, para ilustrar textos densos, como um de Murilo Marroquim sobre a invasão da Alemanha pelas tropas aliadas no fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Mas também, quando o assunto é imagem, o suplemento é uma fonte do cotidiano de intelectuais nordestinos dos anos 1940 e 1950. Nas páginas do caderno especial, há referências, com fotografias reproduzidas, de encontros entre Álvaro Lins, Gilberto Freyre, Gilberto Ferrez, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rêgo, entre outros. Há registros, ainda, de encontro de poetas e escritores do Maranhão, Paraíba, Rio Grande do Norte e até de pequenas cidades do interior. O suplemento literário registrava momentos como homenagens, produções em ateliês, lançamento de livros, fotografias de jovens poetas, notas de falecimento de escritores, viagens e até confraternizações desses intelectuais. Boa parte dessas imagens, não existe o registro do fotógrafo as produziu, demonstra, também, a preocupação editorial do suplemento em tornar conhecidos, além dos textos, os rostos desses personagens ao seu público-leitor. Esse círculo de amizade faz parte do núcleo intelectual da região Nordeste, que teve influência e circulou por diversos estados do país, inclusive, pelo núcleo do poder e da cultura, a exemplo do Rio de Janeiro.

Referência do jornalismo cultural de Pernambuco no século 20, o suplemento literário do *Diário de Pernambuco* chegou ao fim em meados de 1959. A experiência de 12 anos, no entanto, pode ser considerada exitosa também do ponto de vista da periodicidade. Poucos suplementos em jornais impressos conseguem manter ou ultrapassar a marca de uma década, principalmente quando a temática não é considerada comercial aos olhos das empresas de comunicação, a exemplo do jornalismo cultural. Na época do encerramento do suplemento, o escritor pernambucano Osman Lins escreveu um artigo, no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, lamentando o fim do suplemento e elogiando a capacidade de Mauro Mota em selecionar, de forma equilibrada, trabalhos de escritores já consagrados ou ainda desconhecidos do grande público. No texto, Osman defende que, numa cidade como o Recife, um diretor de um suplemento literário deveria reunir, ao



lado de seus humanos defeitos, “uma série de atributos raros, mais ou menos fáceis de encontrar em indivíduos diferentes, mas nunca coexistentes em um único homem”. Para ele, Mauro teria discernimento fino para a obra literária, além de não ser intransigente ou demasiado rigoroso. “Àquelas qualidades exigíveis num bom diretor de suplemento - qualidades estas, insistimos, decorrentes das nossas condições culturais - afirmamos que todas, em maior ou menor grau, possuía o sr. Mauro Mota” (LINS, 1959:4). O escritor, na década de 1950, escreveu outros artigos nesse suplemento demonstrando preocupação com o quadro cultural da capital pernambucana.

Com o fim do suplemento, Mauro Mota continuou na redação, assumindo concomitantemente o cargo redator literário e diretor do jornal logo em seguida, este último posto considerado uma promoção. A coluna de Mauro Mota, intitulada *Agenda*, seria publicada entre 1966 e 1985, ano de sua morte, completando um ciclo de 45 anos de trabalho na empresa. O *Diário* só voltaria a produzir um suplemento literário, de caráter mais abrangente em relação a temas fora do eixo da literatura, a partir do ano de 1962, sob a edição dos jornalistas e poetas César Leal e Marcus Prado.

Jornalismo cultural: uma tradição da imprensa recifense

A imprensa recifense iniciou uma tradição nos suplementos literários desde o início do século 20. Esse gênero jornalístico, muitas vezes, era publicado em um pequeno box na primeira página dos jornais impressos. O *Diário de Pernambuco* é um dos exemplos dessa nova configuração. Neste período, em 1900, o jornal publicou o *Album de Domingo*, com poesias, críticas e até conselhos destinados ao gênero feminino. Nos anos de 1920 esse modelo de jornalismo é ampliado, revelando nomes que, mais tarde, estariam na cena política, cultural e acadêmica, como deputado e geógrafo Josué de Castro, o artista plástico Lula Cardoso Ayres e o sociólogo Gilberto Freyre. Lula Cardoso Ayres, por exemplo, era ilustrador do *Diário da Manhã* e só décadas mais tarde foi consagrado como um dos artistas plásticos mais valorizados da região Nordeste. Esses suplementos eram o espaço de promoção pessoal e profissional, local onde nomes eram lançados. Essa tradição continua e se consolida nos anos de 1940 e 1950, quando é iniciado o suplemento *Quatro Páginas*, em 1947, sob a direção do poeta e jornalista Mauro Mota, cuja liderança agregou e lançou diversos escritores, poetas e artistas plásticos. A diferença dos suplementos da década de 1920 para o período de Mauro Mota é que, ao contrário do período anterior, o jornalismo brasileiro começa a adotar, em definitivo, o padrão norte-americano,



separando a notícia e a opinião. Ou seja, os literatos, que antes também estavam no jornalismo factual, começam a se restringir aos suplementos.

No Recife, essa tradição é sentida de forma marcante, com suplementos literários e a participação de intelectuais em torno deles. O historiador Flávio Weinstein defende que, nos anos de 1950, os suplementos e as revistas literárias se “constituíram no centro aglutinador para onde convergiam – e a partir de onde era verdadeiramente vocalizado – todos os debates que de algum modo se ocupavam das coisas da cultura” (WEINSTEIN, 2007:90). Ele cita, por exemplo, o fato do médico e teatrólogo Valdemar de Oliveira, ligado ao Teatro Amador de Pernambuco (TAP), ter uma coluna de arte no *Jornal Commercio*, e o teatrólogo Hermilo Borba Filho, ligado ao Teatro de Estudantes de Pernambuco (TEP), assumir, no período, uma coluna de crítica teatral no *Diário de Pernambuco*. Seja no período dos anos de 1940 e 1950, ou posteriormente, na década de 1960, outros jornais recifenses mantiveram suplementos literários de qualidade, mas o *Diário de Pernambuco*, além do pioneirismo, conseguiu ultrapassar as fronteiras do estado com seus críticos e na figura editor. Nas correspondências de Mauro Mota, guardada no fundo com seu nome na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), há uma carta do poeta Álvaro Lins, que, por indicação de Gilberto Freyre, foi contratado como crítico literário do *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, convidando Mauro para o jornal carioca. O convite foi declinado e o poeta pernambucano permaneceu no Recife.

Aliás, vale reforçar, que, as *Elegias* de Mauro Mota, que o consagrou como poeta, foram publicadas, originalmente, no suplemento literário do *Diário de Pernambuco*. Reunidos em livros em 1952, os dez sonetos receberam, no mesmo ano, o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras (ABL), antes de Mauro ocupar uma cadeira na instituição. As elegias são uma homenagem a mulher do poeta, Hermantine Soares Cortez, falecida em 1947, com quem casou em julho de 1939 e teve dois filhos: Roberto e Luciana Mota. Em 24 de fevereiro de 1949, Mauro casou com a artista plástica Marly Arruda, com quem teve mais quatro filhos: Maurício, Sérgio, Eduardo e Teresa Alexandrina. As elegias são poesias tristes, melancólicas, geralmente compostas em funerais. A consagração de Mauro Mota como escritor está revelada em trabalhos no campo literário (FERREIRA, 1982), mas a junção de seu trabalho como poeta e editor ainda não foram alvos de estudos específicos na historiografia. Os clássicos da história recifense, como os livros publicados sobre a história da imprensa pernambucana, do jornalista Luiz do Nascimento (NASCIMENTO, 1968), fazem menções aos suplementos, mas não dedicam capítulos específicos e



análise sobre a importância e a consagração de escritores brasileiros nas páginas literárias dos impressos recifenses.

Debate historiográfico em torno dos suplementos

O suplemento literário do *Diário de Pernambuco* está inserido no contexto da imprensa dos anos 1940 e 1950. Parte da historiografia brasileira e das ciências da comunicação dedicou seus estudos, principalmente, na formação de novos jornais e as mudanças técnicas e editoriais ocorridas no período (BARBOSA, 2007). É neste momento, por exemplo, que são iniciadas as atividades do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, e o tradicional *Jornal do Brasil* passa por uma reformulação editorial, que iria influenciar todos os impressos do país. O *Jornal do Brasil*, inclusive, começa neste período a publicação do seu suplemento literário. De acordo com a historiadora Marieta de Moraes Ferreira (ALZIRA, 1996:151), em 1956, se concretizam as primeiras manifestações mais visíveis de mudança. “Surgiu nesse ano, criado por Reinaldo Jardim, o Suplemento Dominical, que começou misturando vários assuntos e depois se transformou em suplemento literário”, diz a autora, revelando que a iniciativa resgatou uma antiga tradição do jornal carioca: abrigar intelectuais e promover debates acerca das questões culturais do país. Também aceleraram as alterações no *JB* as mortes do diretor financeiro Pires do Rio, em 1950, e do antigo proprietário, o conde Pereira Carneiro, em 1953. O “novo estilo” do jornal, ancorado no modelo norte-americano, que privilegiava a informação e a notícia e separava o comentário pessoal, se consolidou com a contratação de Alberto Dines para o cargo de editor-chefe, em 1961.

No final da década de 1990, em um estudo pioneiro sobre os suplementos literários brasileiros na década de 1950, a historiadora Alzira Alves de Abreu selecionou alguns jornais da região Sudeste do Brasil que dedicaram páginas e cadernos especiais de literatura. A pesquisadora selecionou, para a análise, o *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário Carioca* e *A Manhã*, todos do Rio de Janeiro. No estado de São Paulo, foram selecionados *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã* (atual *Folha de S. Paulo*). Em Minas Gerais, o jornal *O Estado de Minas*, de Belo Horizonte. Todos esses jornais impressos lançaram suplementos literários nos anos 1950. A autora elencou, após uma leitura sistemática, as três grandes temáticas desses cadernos. A primeira era a literária, com o assunto dominante em todo o período. Em segundo, os temas culturais e históricos, que tiveram ampla divulgação. Por fim, os temas relacionados a política e o desenvolvimento brasileiro, que tinha um espaço reduzido nesses



cadernos. Apesar de não ser alvo do estudo, o suplemento de Mauro Mota no *Diário de Pernambuco* também não privilegiava, em suas páginas, temas ligados a política e ao desenvolvimento econômico. Em um artigo, o poeta Waldemar Lopes relata que “faltou a Mauro Mota a emoção da atividade partidária”. (JODEVAL, 2001:211).

Alzira Alves de Abreu também subdivide os suplementos em três eixos editoriais. O primeiro é dos suplementos que estavam voltados para a divulgação de ideias que tinham sido predominantes em décadas anteriores, que estavam vinculados ao *passado* e à *tradição*. Nesta lista estão: *Jornal do Commercio*, *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *O Jornal* e *O Estado de Minas*. O segundo eixo editorial é dos suplementos que abriam espaço para *movimentos de vanguarda*, seja na literatura, nas artes plásticas, no cinema e no teatro. Os destaques para essa categoria são *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário Carioca* e *Jornal do Brasil*. O terceiro e último eixo é formado pelos suplementos cuja orientação era mais de *informação* do que a divulgação de ideias. Neste grupo estão os suplementos dos jornais *Folha da Manhã* e *O Globo* (ALZIRA, 1996:47). *O Jornal* e *O Estado de Minas* eram do grupo dos *Diários Associados*, que controlava, na época de Mauro Mota, o *Diário de Pernambuco*, que não foi citado na pesquisa. Parte do conteúdo publicado no jornal pernambucano era originário de *O Jornal*, considerado o “órgão líder” do grupo em todo o país. “O suplemento de *O Jornal* teve grande prestígio, não só pelos intelectuais que nele colaboravam, como também pelo fato de suas matérias serem reproduzidas nos jornais de outros estados, uma vez que pertencia à cadeia dos Diários Associados”, define a autora (ALZIRA, 1996:50).

Apesar das limitações – até por não citar outras realidades fora do eixo Rio-São Paulo - autora defende que no momento da criação desses suplementos, o país vivenciava um período democrático, dos governos dos então presidentes eleitos pelas urnas Eurico Gaspar Dutra e Jânio Quadros, de 1946 e 1960. “O que evidentemente permitiu a livre expressão de ideias e o desabrochar da criatividade em todas as áreas do conhecimento” (ALZIRA, 1996:15). O ambiente cultural da década de 1950, ainda de acordo com ela, favoreceu a criação desses suplementos literários. A historiadora lembra a construção de Brasília e das ideias revolucionárias em diversos campos. Na arquitetura, com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer; na produção audiovisual, com o Cinema Novo e seus primeiros passos; na música, na ascensão da Bossa Nova, que incorporou o *jazz* e o *bebop* norte-americanos. Ainda há referências na literatura, nos desdobramentos da *Geração 45* - grupo de poetas engajados politicamente, e apogeu do romance regional.



Na academia, o destaque era a “institucionalização das ciências”. Em São Paulo, o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP), sob a liderança de Florestan Fernandes. No Rio de Janeiro, também na área de Ciências Sociais, surgiam as lideranças de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, do Ministério da Educação. Já no Recife, em 1946, as escolas de ensino superior foram reunidas na Universidade do Recife e ficaram sob a responsabilidade do governo federal, exigindo dos professores formação acadêmica e um novo concurso para permanecer na instituição (WEINSTEIN, 2007:209). Todavia, esses avanços conviviam com velhas estruturas dos anos 1920. Na capital pernambucana, por exemplo, o suplemento literário do *Diário de Pernambuco* convivia com uma população com alto índice de analfabetismo. No Censo de 1940, a população era de 350 mil habitantes, sendo que 32% da população da capital pernambucana eram de analfabetos. Dos anos de 1940 para os de 1950, esse índice aumenta para 35% no analfabetismo, mas a população na cidade salta para 525 mil habitantes, graças a migração de moradores de regiões do semiárido nordestino (WEINSTEIN, 2007:38). O cenário de baixa escolarização também é sentido em outras capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

No contexto das ciências da comunicação, é nos fins dos anos de 1940 que surge o jornalismo literário, que não é o jornalismo sobre literatura, mas com recursos da literatura, como descrições detalhadas e diálogos, modelo utilizado por publicações como a revista norte-americana *New Yorker* (PIZA, 2013:23). Os marcos desse gênero são a publicação da matéria *Hiroshima*, em 1946, de John Hersey, sobre o desastre atômico no Japão, e o perfil que Lilian Ross fez de Ernest Hemingway, em 1950. Aliás, um dos primeiros centros de investigação a sistematizar os gêneros jornalísticos foi a Universidade de Navarra, na Espanha, desde 1959. Lá, os textos foram divididos nas seguintes categorias: explicativos, opinativos e de entretenimento, esta última vinculada ao jornalismo cultural. Após essa categorização, o pesquisador catalão Hector Borrat sugeriu a divisão em textos narrativos, descritivos e argumentativos. No Brasil, os estudos dos gêneros jornalísticos tiveram o pioneirismo do jornalista e pesquisador Luiz Beltrão, seguido pelo professor José Marques de Melo. Este último propunha uma segmentação baseada em cinco critérios: 1) finalidade do texto; 2) estilo; 3) modos de escrita; 4) natureza do tema; e 5) articulações interculturais (cultura). “As sistematizações de Marques de Melo também levam em conta a geografia, o contexto sociopolítico, a cultura, os modos de produção e as correntes de pensamento” (PENA, 2011:19).



De acordo com o jornalista e crítico Daniel Piza, nos anos de 1940, por outro lado, começa a época da “grande crítica” nos jornais do Brasil, tendo seu ciclo encerrado a partir dos anos 1960. “Neste período se distinguem dois nomes: Álvaro Lins (1912-1970) e Otto Maria Carpeaux (1912-1970). São dois críticos que combinaram o jornalismo e o enciclopedismo”, diz o crítico. “(Os dois aliaram) visões políticas sensatas e apurado estilo ensaístico” (PIZA, 2013:34). Ambos foram colaboradores do suplemento do *Diário de Pernambuco*. Os livros de Daniel Piza, assim como o de Felipe Pena, são considerados referências nacionais e não relatam, por exemplo, a discussão teórica de intelectuais nordestinos no campo dos jornalismo cultural e literário. Mauro Mota, por exemplo, em livros publicados posteriormente ao fim do suplemento, já na década de 1960, defendia a literatura como gênero do jornalismo e não separava o trabalho do repórter ao do escritor. “Se nem todo o escritor é ou pode ser jornalista, o verdadeiro jornalista tem de ser escritor e isso não só para escrever artigo assinado”, defendeu (MOTA, 1963:77). Essa tendência pode ser considerada radical no momento em que os curso de jornalismo, como o da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), criado em 1961, sendo o primeiro das regiões Norte e Nordeste, já pregavam uma separação entre o ofício literário com do jornalista.

Além desses trabalhos já citados, os suplementos literários também são objetos de estudos no campo da crítica literária, da comunicação (com ênfase no jornalismo cultural) e até mesmo da sociologia. Em 2002, a jornalista Elizabeth Lorenzotti concluiu o Mestrado em Ciência da Comunicação, na Universidade de São Paulo (USP), com a história do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, publicado entre os anos de 1956 e 1974. A pesquisa, que depois foi publicada pela *Imprensa Oficial*, analisa o campo da intelectualidade no estado de São Paulo a partir do suplemento idealizado pelo crítico literário Antônio Cândido, mas editado, em uma primeira fase, até 1966, pelo jornalista Décio Almeida Prado. Posteriormente, o suplemento fica sob a responsabilidade do jornalista Nilo Scalzo, até seu encerramento. A autora revela, a partir de entrevistas e relatos de história oral, que os colaboradores do suplemento em São Paulo eram melhores remunerados, no início da publicação, se comparado aos repórteres que trabalhavam no jornal. Essa realidade financeira, no entanto, não condizia com boa parte dos suplementos literários brasileiros, nos quais os colaboradores, quase sempre, não eram remunerados. Outro ponto importante na relação dos colaboradores, levantada pela autora, é que, neste período, eles também tinham direito de assinar seus artigos, contos, críticas e poesias. Já os jornalistas ainda não podiam revelar seus nomes em suas matérias. Esses eram fatos que teriam contribuído para uma relação



pouco amistosa entre os praticantes do jornalismo cultural e o corpo redacional do *Estadão* (LORENZOTTI, 2007).

No Programa de Pós-graduação em Sociologia, também na USP, a jornalista Juliana Neves defendeu a dissertação de mestrado sobre a parceria intelectual e profissional dos jornalistas Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão, a Pagu, no suplemento literário do jornal *Diário de São Paulo*. Os dois, que eram casados, editaram o suplemento entre os anos de 1946 e 1948 no jornal que fazia parte do grupo dos *Diários Associados* na capital paulista. Segundo a autora (NEVES, 2005), um dos objetivos da criação do suplemento em São Paulo era a divulgação do Museu de Arte de São Paulo (MASP), fundado pelo criador dos *Associados*, Assis Chateaubriand, com a doação de quadros financiados pela elite econômica brasileira. O estudo faz uma ponderação ao fato de Geraldo Ferraz ser autodidata e não ter frequentado uma universidade, ao contrário da base formada no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, que tinha apoio, principalmente, de professores universitários. Essa seria uma das causas da falta de interesse da academia, segundo a autora, pelo suplemento do *Diário de S. Paulo*. Além disso, a pesquisa revela uma realidade pouco conhecida de Pagu, geralmente associada às suas militâncias no movimento feminista e ao Partido Comunista do Brasil (PCB). A pesquisa de Juliana Neves foi defendida no ano de 2003 e publicada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Outros trabalhos, que não têm como função principal analisar os suplementos ou a intelectualidade em torno deles, utilizam, ainda assim, as poesias, crônicas, artigos e críticas como fontes de pesquisa. Esse é o caso da professora Rosângela Vieira Felício dos Santos, cujo mestrado foi concluído em Crítica Literária Comparada na USP, em 2001. A pesquisadora analisou as colaborações não-ficcionais do escritor pernambucano Osman Lins no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, entre os anos de 1956 a 1961. Uma das abordagens da pesquisa é a análise dos artigos que demonstravam a preocupação de Osman com o cenário cultural pernambucano (SANTOS, 2011). Neste sentido, também, é a Tese de Doutorado em História Social do professor Flávio Weinstein Teixeira, defendido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2005. Ao lado de fontes orais, documentos, entre outros, os artigos e críticas publicadas no suplemento literário do *Diário de Pernambuco*, nas décadas de 1940 e 1950, são citadas para contextualizar o debate cultural no período. A tese de Weinstein, porém, não aborda como eixo central a história do jornalismo cultural, e sim, a presença do Teatro de Estudante e do Gráfico Amador na capital pernambucana entre 1946 e 1964. (WEINSTEIN, 2007).



O suplemento literário do *Diário de Pernambuco* também é alvo de discussões no campo da crítica literária. O jornalista e geógrafo Tadeu Rocha chegou a argumentar, por meio de um artigo publicado em 7 de fevereiro de 1954, que o suplemento de Mauro Mota foi responsável por promover um “Segundo Movimento Regionalista na Região Nordeste”. De acordo com o crítico literário Alfredo Bosi, o Movimento Regionalista teria iniciado no Recife, por meio de um manifesto, em 1926, sob a liderança do sociólogo Gilberto Freyre. Na órbita do pernambucano, estariam literatos como Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida e Antônio Cabral. A intenção do grupo, que ganhou força na década de 1930, era criticar o “paulistocentrismo” e valorizar a modernização das artes e da cultura sem perder o “caráter regional”. O Movimento Regionalista fazia um contraponto crítico ao Modernismo e a Semana de Arte Moderna de 1922. Alfredo Bosi minimiza a importância da união desses intelectuais e trata o assunto como “resistência emocional” de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo. “O modernismo do Nordeste foi uma realidade poderosa com o facies próprio da região e deu o tom ao melhor romance dos anos de 30 e de 40” (BOSI, 2006:345).

Além disso, segundo o crítico, não se pode sustentar que o Movimento Regionalista teria sido esteticamente autônomo em relação às poéticas pregadas a partir da Semana de 1922. “A orientação e os gostos do sociólogo pernambucano os levavam, de preferência, ao estudo e ao culto das instituições brasileiras” (BOSI, 2006:345). O próprio fato da divulgação do Manifesto Regionalista, em 1926, assim como a criação de um Segundo Movimento Regionalista, é criticado na tese de Weinstein, editada em livro pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O historiador cita o estudo do escritor Neroaldo de Azevedo, em 1984, que revela que na data do 1º Congresso Regionalista do Nordeste não houve lançamento de manifesto algum. Apenas em 1952 é que o manifesto teria sido publicado pela primeira vez (WEINSTEIN, 2007:73). “Até o momento em que o *Movimento Regionalista* vem a lume, não há menções, mesmo que veladas, ao modernismo entre os empedernidos regionalistas que se reuniram ao longo dos anos 1920” (WEINSTEIN, 2007:72). Já em relação ao Segundo Movimento Regionalista, defendido por Tadeu Rocha, o historiador diz que se trata de um “exagero”.

Considerações finais

Acreditamos que as análises das fontes aqui apresentadas somadas às leituras e reflexões da historiografia produzida sobre o tema auxiliam na construção de uma narrativa de uma história da



intelectualidade no Recife, nos anos 1940 e 1950, que estava em torno do poeta e jornalista Mauro Mota, no *Diário de Pernambuco*. Este artigo faz parte de uma pesquisa de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ainda em andamento. Ou seja, temas levantados aqui ainda deverão passar por novas (re)leituras e abordagens. De qualquer forma, chamamos a atenção para a importância do jornalismo cultural praticado por Mauro Mota nos anos 1940 e 1950 na revelação de novos nomes no campo literário e jornalístico.

Outro ponto em que chamamos a atenção, pelo viés dos meios de comunicação, é o pioneirismo da imprensa pernambucana que não só acompanhou a “imprensa nacional”, localizada no centro de poder econômico e político (o eixo Rio-São Paulo), como também criou tendências. O próprio Mauro Mota, já na década de 1960, teve trabalhos publicados em que se discutia o jornalismo (cultural) do ponto de vista teórico, lançando mão de um debate que já estava em curso nos Estados Unidos e que só posteriormente chegou ao Brasil. O suplemento do *Diário de Pernambuco*, graças à engrenagem do grupo de comunicação que estava ligado, os *Diários Associados*, em franco apogeu, teve papel fundamental na formação de uma intelectualidade e na difusão de cultura entre o seu público-leitor.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUARTE, Jodeval. **Agitação cultural: o suplemento e Mauro Mota**. Recife: Comunigraf, 2001.



FERREIRA, Luzilá. **O tempo sem remédio na farmácia:** uma leitura da obra de Mauro Mota. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília: INL, 1982.

FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos:** trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). São Paulo: Global, 2006.

LINS, Osman. Morre um suplemento. IN **Suplemento Literário** d'O Estado de S. Paulo, Ano II, nº 130, 09. Mai. 1959.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento literário, que falta ele faz!** 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

LYRA, Márcia Cristina de Miranda. **A biopaisagem de Ladjane Bandeira:** Um recorte científico na representação imagética de um observador humano. Faculdade Frassinetti do Recife, Pós-Graduação (Cultura Pernambucana), 2007.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil,** a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTA, Mauro. **O pátio vermelho.** Rio de Janeiro: Orfeu, 1968.

MOTA, Mauro. **Terra e gente.** Recife: Imprensa Universitária, Universidade do Recife, 1963.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954), V. I.** Recife: Editora Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

NEVES, Juliana. **Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão:** a experiência do Suplemento Literário do Diário de S. Paulo nos anos 40. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2011.



PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, Nilo. **Mauro Mota e seu tempo**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987.

SANTOS, Rosângela Felício dos. **Osman Lins e o Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo (1956-1961): cortejos com sua obra ficcional**. Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado (Teoria Literária e Literatura Comparada), 2011.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **O movimento e a linha: a presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico Amador no Recife (1946-1964)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.